

## O doutrinador

A fé verdadeira jamais se separa da razão, do entendimento e da clareza. A fé verdadeira é o prêmio de todos os espíritos anciãos, de muitas vidas vividas com proveito, cujo adiantamento intelectual não se vê oprimido pela decadência moral do fanatismo.

Matias, Cleófas, Eleazar, eram irmãos de Jesus, consangüíneos. Efrain, José, Elizabete, Andréa, Ana, eram irmãos de Jesus só por parte do Seu pai, José; filhos do primeiro casamento dele.

Tiago era irmão de Sua mãe, Maria. Entretanto, Jesus era o apoio dos fracos, a doçura dos aflitos, o refúgio dos culpados e o mestre de elevados ensinamentos para todos os homens.

"Os homens são meus irmãos", dizia, "e todos os meus irmãos têm direito ao meu amor". Mas sua mãe e todos os seus irmãos diziam que Ele tinha perdido a razão. Todos viviam preocupados com Ele, pois era sempre mais evidente n'Ele esta postura que consideravam uma maluquice e ainda tremiam quando ele falava contra os sacerdotes e suas imoralidades. Mas a religião pura e simples de Jesus não existe mais.

Com faustos delirantes, distorções, mentiras, honras tolas e frias relíquias, essa religião caiu ao nível das mais absurdas fábulas. As elevadas verdades ensinadas por Ele nas Parábolas, foram transvestidas e substituídas por fantasias. Ele ensinou a oferecer o outro lado para, a qualquer custo, evitar a lei do carma.

A perdoar para quebrar a corrente do ódio, que impede ao espírito de progredir, pois, quem não tem pecado, que atire a primeira pedra. Que a igualdade dos homens foi ordenada por Deus, e que o mando pertence à virtude, isto é, à capacidade.

Que o espírito está acima da matéria e que este pertence a Deus. Que a esposa é igual ao esposo, nos direitos e responsabilidades, pois não existe a escravidão na família de Deus.

De expulsar do convívio aquele que se mancha com a infâmia, com o roubo, ou que ultraja a justiça e a caridade.

De caminhar entre as flores da harmonia, na elevação do amor e o respeito à Natureza.

De jamais entrar em confusões de violências, intrigas e guerra. De oferecer a Deus, como prova de resgate, as provações da vida, os sacrifícios da pobreza,

porém, quando vividos com dignidade e bravura, e não com ócio, vício ou aviltantes iniquidades.

De não profanar o altar do espírito com o assassinato, com os sacrifícios profanos e as superstições.

De repartir os bens herdados. De praticar o bem como regra de vida.

De reconciliar-se com o inimigo antes de recorrer a Deus. Ensinou a valorizar a vida, a paz, o amor, no qual o espírito possa encontrar o caminho que conduza a Deus, mas numa forma clara e não num contexto dogmático ou irracional, pois em todo o Seu ensino parabólico há um reflexo metafísico da causa e do efeito. Nisso, ensinou que a fé não se impõe, porque há necessidade de ser entendida nestes contextos e quem não a apresenta na forma certa, também não a tem.

Que a fé necessita de uma base que é a inteligência perfeita do que se deve crer e, para crer, é indispensável coerência e linearidade, e o compromisso e a intolerância também não entram no ensino, e que isso é simplesmente uma demonstração de incertezas, mas não é fé.

Que quando as chagas ficam a descoberto, é fácil vestir os caracteres das revelações e dar aparência às predições rimbombantes, mas que isso faz só transbordar a Sua indignação.

Que a lei da perdição, a lei da conservação, os gozos materiais e espirituais, já disputaram o Seu Espírito, e a temerária ousadia do justo jamais arrastou Jesus para o ridículo, por isso deixemos que os Seus milagres durmam em paz.

Ele não exaltava a vergonha, mas com rapidez a encobria e lhe estendia o véu radiante da purificação.